

CORPOARTE E IDENTIDADES: UM ESTUDO SOBRE AS VISUALIDADES JUVENIS NAS ESCOLAS

ARTBODY AND IDENTITIES: A STUDY ABOUT YOUNG VISUALITIES AT ASCHOOLS

Rosana Silva Pinto 1

Resumo: O objetivo da presente pesquisa consiste em investigar aspectos presentes nas apresentações corpóreas de alguns alunos de uma unidade do Colégio Pedro II. As investigações acerca do tema foram realizadas a partir do seguinte problema: as imagens que os estudantes formulam com suas configurações corpóreas podem ser encaradas como um tipo de criação artística? Almejo, desta forma, apontar outras possibilidades de apreensão de um corpo frequentemente entendido como uma realidade cerrada e íntima e sublinhar a sua condição aberta e dinâmica em função da sua mediação social, e assim problematizar estéticas difundidas pelas mídias. Proponho uma discussão acerca das imagens que os jovens figuram com seus corpos a fim de alinhavar outros contornos de nossas referências para o ensino e para nossa visão sobre o humano.

Palavras-chave: Cotidiano Escolar; Arte; Corpo; Identidades.

Abstract: This research aims at investigating existing aspects of tangible presentations of some students from Pedro II School. The investigations on this topic have been worked out in relation to the following matter: Can the images that students make up through their body settings be faced as a type of art creation? I, therefore, point other seizure of possibilities of a body often understood as a closed and intimate reality, as well as to emphasize its open and dynamic condition in relation to its social mediation. This way, it is possible to question on and discuss aesthetics. I propose a discussion on the image these young students have of their own bodies in order to come up with different outlines to what we have as a reference to teaching and to the view on the human.

Key-words: Daily School Life; Art; Body; Identities.

Possui graduação em Artes Plásticas pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Licenciatura Plena, especialização em Ensino da Arte pela Universidade Veiga de Almeida, mestrado em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Atualmente é professora de Artes Visuais no Colégio Maria Imaculada. E-mail: rosana.rmattos@gmail.com

Introdução

Nesta pesquisa, abordo o corpo como lugar de criação, real e potencial, como sujeito e objeto de suas próprias construções visuais (JEUDY, 2002). Evito traçar paralelos entre as visualidades que os corpos produzem e as formas de representação mais tradicionais no universo artístico – pintura e a escultura. Sabemos que a retratação corpórea ao longo da história da arte foi uma prática exaustivamente comum, porém não pretendo abordá-lo a partir das maneiras com que tem sido representado, mas o que o corpo, vivo e presente, é capaz de comunicar a partir das estéticas que vive e apresenta.

Traço um caminho no qual as experiências vividas junto aos alunos durante as aulas que leciono são o eixo norteador. Dúvidas, ideias e problematizações partem da busca por viver a pesquisa de forma dinâmica, num processo onde agir e refletir integram um único ato, sem que um se sobreponha ao outro. Desta forma, o papel reservado ao corpo no cotidiano escolar apresenta-se como um importante ponto a ser considerado para o desenvolvimento desta pesquisa. As visualidades presentes nas formas de viver cada espaço tornam-se o eixo central para a realização de uma discussão sobre o que considero como corpoarte e sobre as identidades dos jovens.

O objetivo da presente pesquisa consiste em investigar aspectos presentes na apresentação corpórea de alguns estudantes de uma unidade do Colégio Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, com idade entre nove e onze anos. As investigações acerca do tema foram realizadas a partir do seguinte problema: as imagens com que os estudantes se apresentam podem ser encaradas como um tipo específico de criação artística?

Pretendo, também, analisar como tal apresentação se constitui a partir das maneiras com que os estudantes interferem nas imagens que figuram com os seus corpos, – com cores, logomarcas e objetos de adorno – interferências que podem indiciar certo tipo de comportamento, geralmente, caracterizado em nossa sociedade como típicos da adolescência e não da fase infantil.

Almejo, desta forma, apontar outras possibilidades de apreensão de um corpo frequentemente entendido como uma realidade cerrada e íntima e sublinhar a sua condição aberta e dinâmica em função da sua mediação social, e assim problematizar estéticas, difundidas pelas mídias, que visam caracterizar as etapas da juventude, analisar o papel reservado ao corpo dos estudantes no cotidiano escolar e realizar uma breve análise a respeito de sua participação no processo formativo.

Procedimentos metodológicos

Ao longo das leituras que realizei a fim de diversificar as referências sobre o tema proposto, é evidente grande número de um tipo de pesquisa que dialoga, de forma cada vez mais próxima, com os sujeitos do cotidiano escolar, e que os encara como elaboradores de culturas e também como produtores de conhecimentos. São pesquisas que têm ganhado cada vez mais espaço no cenário acadêmico.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da captura de imagens – por meio fotográfico² - dos itens elegidos pelos estudantes para produzirem suas visualidades. As fotos foram feitas por mim, durante as aulas de artes que ministro ou nos momentos de intervalo entre elas. O que não faz parte dos itens oficiais dos uniformes escolares não foi considerado, afim de tecermos novos olhares sobre um tipo específico de produção de saberes juvenis através de suas apresentações corpóreas. Este trabalho de observação e análise de imagens – que foram inseridas, de forma oportuna, ao longo do texto – nos trará elementos para a discussão das questões apontadas acima.

Embora eu não tenha lançado mão de um questionário formal para coletar dados, no decorrer do texto trago trechos de algumas conversas que tive com os alunos ao longo da pesquisa. Resolvi utilizar este subterfúgio, não formal, com a esperança de receber repostas mais sinceras possíveis, pois papéis, perguntas diretas, assinaturas, embora possuam reconhecida importância em muitas formas de pesquisas, poderiam deixar os alunos apreensivos pelo nível de seriedade ou de comprometimento a que estes itens nos remetem.

1. As imagens referidas foram utilizadas mediante a autorização documentada da instituição de ensino na qual eu lecionava.

Imagens: novas perspectivas

Em meu trabalho como docente em artes visuais costumo ficar atenta aos “sinais” que me permitam aproximar questões do universo artístico ao universo factível dos estudantes e tenho me dado conta de algo que, aos poucos, me levou ao que hoje compreendo como uma forma ou possibilidade de criação, de produção artística, totalmente autoral e autêntica, porque acredito que a arte permeia cada forma de viver os espaços-tempos que habitamos.

Considerando suas particularidades, toda escola é formada pelo que arrisco chamar de “acervo humano”, por isso, vive em incessante reformulação. São obras em processo, expostas para quem quiser aprender a ver e fruir as experiências estéticas do relacionar-se, do encantar-se e, por que não, do surpreender-se com o outro.

Na presente abordagem que, entre outros aspectos, traz o corpo como um lugar de reinvenção de nós mesmos, compreendo que relacionar-se criativamente com as imagens que nos cercam não é privilégio de mestres dotados de habilidades superiores, mas sim, de qualquer pessoa que percebe o mundo através dos sentidos que lhe são disponíveis.

Quem não escolheu a sala de aula como local de trabalho, certamente já foi ou ainda é aluno e sabe que o uso do uniforme escolar é uma exigência básica, em quase todas as escolas para que os estudantes frequentem as aulas, e sabe também que tentar burlar tal obrigatoriedade é uma prática constante entre os jovens.

A tentativa de fuga da uniformização e da conseqüente padronização estética dos corpos, entre outros fatores, oportuniza imagens de grande valor para quem se interessa pelas visualidades produzidas e figuradas pelos jovens, pois a transgressão também pode ser um ato de criação nas brechas que regulamentações não conseguem obstruir.

O que frequentemente percebo entre os jovens com os quais trabalho é uma espécie de reivindicação de posse de um corpo vigiado e treinado para adaptar-se a contextos culturais gerais. Tal reivindicação se deflagra em suas aparições cotidianas, numa negociação constante entre o que é permitido pelas normas escolares e o que os estudantes desejam.

No caso do Colégio Pedro II, a vestimenta escolar austera combina no máximo três cores - o preto, o azul marinho e o branco. É curioso notar que o preto e o branco são consideradas cores neutras, ou não cores, dentro do sistema de classificação, pois, desde que haja uma mistura equilibrada, elas não alteram totalmente a identificação de outras cores as quais sejam misturadas, neste caso, o azul, que por sua vez, é considerada uma cor fria.

A modelagem e o tipo de tecido também fazem parte do caráter simbólico que o traje escolar carrega: blusas de botões feitas em tergal para os meninos e para as meninas, saia de pregas, no mesmo tecido, para as meninas e calças de brim para os meninos. O jeans, ou qualquer outro tecido, estão proibidos. Os calçados admitidos são apenas nas cores preta ou branca, sem a presença de nenhuma outra cor e as meias têm que ser brancas somente. A imagem extraída da web, apresentada abaixo, exemplifica esta descrição.



Figura 1 / Acesso em: 17-02-2015

Austeridade, frieza e neutralidade no vestir-se para que, talvez, os estudantes alcancem maior

nível de concentração durante as aulas? Manutenção de noções de seriedade e tradição através das imagens que o corpo discente carrega? De todo modo, muito pouco do que apreendemos visualmente está desvinculado de alguma ideia elaborada, prévia ou posteriormente, da sua configuração.

As cores pouco usuais dos cabelos, os desenhos nas cabeças raspadas, os piercings, os adereços da moda, as tatuagens – mesmo que não definitivas – são alguns dos itens que muitos estudantes elegem na hora de compor sua imagem, fazendo de seus corpos lugares de autoria e de reformulações de si próprios. A relação que proponho entre corpo, arte, identidade e juventudes suscita muitos diálogos que têm como centro de referência as imagens figuradas por jovens estudantes no ambiente escolar.

O corpo no cotidiano escolar: questões de identidade

De forma fugaz ou não, viver é também exibir-se. E estamos sempre topando com escrituras e visualidades deixadas para trás por alguém... Fragmentos que mentem sobre a suposta efemeridade da constelação que representam (BERINO, 2012, p.7).

“Viver é também exibir-se”, é ver e ser visto e as visualidades que compõem nossas ações permanecem em nossas memórias como uma espécie de assinatura. Desde uma característica no caminhar, no balançar do corpo, sua altura e volume, o tamanho dos cabelos e sua coloração, a cor dos olhos, a cor da pele, etc. Várias vezes já ouvi dizer que a aparência é o nosso cartão de visitas, mas seja ela qual for, deixamos nossas marcas nas lembranças de nossos pares e, como sugere Berino, também no espaço físico.

Deste modo, se faz necessário uma educação que propicie alguns momentos em que os estudantes sejam capazes de optar em quais ambientes da escola desejam estar, com quais profissionais desejam interagir, por assuntos que lhes despertam maior interesse; a fim de que as estratégias de controle do corpo e domínio da movimentação constante dos aprendizes – uma das características da juventude – não sejam o foco das atenções de professores e funcionários de apoio. Uma educação que, de fato, privilegie os processos de aprendizado de cada um e que considere que este também se desenvolve através das relações que estabelecemos com o nosso corpo e com o corpo do outro.

Uma educação voltada para formas que o estudante possa interagir com o espaço de ensino e aprendizagem seria, portanto, uma educação com o corpo, pois como nos fala Alicia Fernández (1991), “toda educação passa pelo corpo”, que pensado também como imagem, contribui na formação de algumas realidades educacionais que conhecemos. A realidade sensível é capaz de promover compreensões que aproximam o aprendiz daquilo que se aprende.

No que concerne às aulas que leciono, costumo promover atividades em sala, e em outros espaços da escola, em que os alunos desenhavam uns aos outros, deitados sobre um papel, delimitando os seus contornos; eles atentam para as dimensões que cada corpo possui. Peço para que desenhem as sombras dos colegas produzidas pela luz de lanternas ou pela luz do próprio projetor de imagens, outra forma de compreensão das formas corpóreas.

Trago a seguir, alguns registros de momentos que em os alunos são convidados a fazer de seus corpos referência e suporte para a produção de trabalhos de arte, criando imagens por meio gráfico e também com seus próprios contornos que preenchem os espaços.



Figura 2



Figura 3

Mesmo quando o corpo não é o elemento principal a ser explorado, costumo levar os alunos para as áreas externas ou os faço circular pela sala de aula, para realizarem desenhos de observação, fotografias e experiências com a câmara escura ou apenas explorar o ambiente visualmente de acordo com o tema em questão em cada aula. Observo suas posturas corporais, os lugares que adotam como ponto de observação, o conversar mais solto entre eles – pois estão num ambiente que, normalmente, não frequentam durante os horários de aula – além do corre-corre e de toda agitação que isso gera.



Figura 4

Nós nos constituímos a partir de nossos corpos, do corpo que se expande em múltiplas versões e finalidades, mas contraditoriamente, noções redutoras, transmitidas pelo mercado e pela comunicação massiva impressa, televisionada ou virtual, dificultam tal percepção. Dificuldade essa vivida nas escolas, pois sabemos, desde quando ocupávamos esses assentos, que todo som, imagem e movimento oriundos das atividades corpóreas são frequentemente negados e proibidos.

Não há dificuldade em identificar a antiga postura que privilegia a mente em detrimento do corpo, na qual este

não pode fazer parte do aprendizado, porque faz dispersar a atenção, leva o cognitivo para outras instâncias, nocivas ao intelecto e ao desempenho pedagógico. Não atentar para a dimensão epistêmica do corpo seria atentar contra a construção identitária de quem lhe propicia sentido de existência.

Partilho da concepção de Berino em relação ao processo de elaboração e percepção das identidades, na qual ele esclarece que uma identidade pode ser decidida, criada e até refeita. O autor nos diz que “as identidades são circunstâncias que resultam na mistura e no hibridismo, negando a suposta identidade terminal do corpo” [...] (BERINO, 2012, p.34).

A credibilidade, nesta suposta identidade terminal do corpo tem levado muitos educadores a contribuírem negativamente para a discussão sobre diversidade e identidade e até mesmo sobre juventude. Me refiro aos educadores, pois a pesquisa desenvolve-se num espaço escolar, porém esta postura pode ser percebida em outros grupos sociais como a família, por exemplo.

Canevacci (2005) também nos fala sobre os sentidos que o corpo pode ter em relação às formulações identitárias. Ele é a via pela qual os jovens estabelecem formas de aceitação e de produção dos seus eus, *ou de seu multiple self*. Tudo o que cobre a pele contribui para um novo sentido de identidade, uma identidade móvel e fluída. Onde o olhar de alguns profissionais da educação, talvez endurecido, só enxerga uniformidade, os jovens veem possibilidades. Possibilidades de ser quem são ou o que acham que são, cada experimentação é um incessante jogo de construção de si.

Embora tal jogo se relacione com a construção da autoestima, com a elaboração de traços identitários, com noções de pertencimento, estes elementos não integram a centralidade da pesquisa, por isso me atendo às imagens que decorrem deste processo. Produzimos e reproduzimos continuamente algo que vou chamar aqui de “versões” de nós mesmos, mas uma não substitui a outra necessariamente, chegam até a coexistir. São formas de apresentações que adotamos em determinados momentos em que vivemos, algumas mais coloridas e ousadas, outras mais sóbrias e contidas.

Esta é uma construção que nos coloca diante de um caleidoscópio vivo. É enriquecedor observar mudanças tão fugazes, que impulsionadas pela urgência dos modos de viver da juventude, faz da escola lugar onde as culturas praticadas por este grupo pulsam e se remodelam em cada nova imagem que produzem com suas presenças indelévels.

Corpoarte

Silêncio e quietude dos corpos aparentemente imóveis, concentração extrema nas atividades. Estes já não são comandos ou ordens dados como regras de conduta para que o aprendizado ocorra da forma mais eficaz – porque se constitui de diversas maneiras, sendo a própria ideia de eficácia também questionável –, além de ser uma tentativa de camuflagem dos motivos mais atraentes para que, de forma geral, os estudantes frequentem a escola: o contato social, os namoros, as paqueras, as brigas, as “fofocas” e toda uma rede social sem os quais não nos reconheceríamos como integrantes deste ou daquele grupo.

Breton nos fala que “a existência do homem é corporal” (BRETON, 2013, p.7). Esta é uma ideia que, em certa medida, permeia o trabalho de professores de todas as disciplinas escolares, principalmente as que integram a área das artes: quando assimilamos com mais cuidado as dimensões que o corpo pode assumir no processo formativo, iniciamos um caminho para maior entendimento a respeito das ações e das relações que eles protagonizam.

Muitas vezes agitados e “indóceis” (FOUCAULT, 1987), diagnosticados com os distúrbios neurocognitivos “da moda”, estudantes são rotulados em reuniões pedagógicas, sem que cogitemos outras possibilidades para as orientações impostas a sua presença nos espaços educativos. Tal quadro, possivelmente não permita que o corpo – que não se desvincula do sujeito – cumpra a sua função primordial, que é viver as suas potencialidades.

Difícilmente, o corpo, que se formula e se transfigura a partir do outro, existiria fora das representações que dele fazemos. Contudo, não são representações que, previamente elaboradas pela mente, surgirão como resultado de processos racionais, o corpo é aqui abordado de forma integral, fora da lógica cartesiana que separa ação e pensamento.

É verdade que as imagens corporais não são isoladas, ou seja, elas surgem junto com as imagens do mundo, mas como nos aponta Jeudy:

Em certa medida, o choque das imagens corporais nos ensina que não há na verdade uma linguagem do corpo. As maneiras pelas quais essa linguagem é falada já implica uma negação da imagem pela objetivação do sentido que lhe é dado (JEUDY, 2002, p.28).

Não é sem razão a frase do saber popular que afirma que “uma imagem vale mais que mil palavras”, mas seria um grande equívoco equiparar essas duas dimensões da comunicação humana. Difícilmente elaboraremos um conjunto de caracteres capaz de “traduzir” imagens com a mesma intensidade e particularidade de sentidos.

De modo geral, entre as meninas, lápis e canetas dividem espaço com espelhos e maquiagens; entre os meninos, o cuidado é com os cortes de cabelo, sempre bem delineados, as marcas de

calçados em evidência no momento também são muito presentes. Autenticidade que não reside no simples fato de acrescentar algum item novo em seus corpos, mas na maneira que irão portá-los, pois sabem, e exercem, a unicidade de suas existências.

A estetização diz respeito aos efeitos que a experiência produz ao constituir a consciência que o sujeito tem de si, do outro e do mundo, ou seja, diz respeito aos modos que o sujeito assume, às decisões que toma, aos juízos que profere, às atitudes que realiza, às escolhas que faz, às ideias que tem, às conclusões que chega.

A estetização tem estreita relação com os rastros que a experiência deixa no sujeito, de modo que ele se constitui uma resposta afirmativa – no sentido de reiterar, aderir ou postular – ou negativa – no sentido de interditar, rejeitar, descartar – a esses critérios, princípios e valores. A escola, por sua vez, é uma agência de produção e reprodução cultural.

As imagens apresentadas a seguir são de alunos que, no ano de 2014, cursavam o 5º e o 4º ano de escolaridade, respectivamente. O desenho que a estudante Ana fez na própria mão, as tatuagens provisórias de Lucas, os fios de cabelos; artificialmente alongados; de Clara e o seu brinco em forma de bastão de malabares, e o piercing no nariz de Laura tornam evidentes suas buscas por formas de viver esteticamente; de viver o processo de estetização da própria escola (BERINO, no prelo).



Figura 4

A palavra amor – escrita em língua inglesa – a forma de coração desenhada na ponta do mesmo dedo que porta um anel no formato de cruz. Quais usos a jovem faz dos conhecimentos impregnados neste conjunto de imagens? Assim que eu ative minha atenção sob a mão de Ana, talvez por timidez, ela a recolhe imediatamente e me olha com aquele semblante – que alguns professores mais atentos conhecem bem – que nos diz: *por favor, não chame a atenção da turma para mim!*”

Compreendendo a sua aflição em não ser percebida, desviei o olhar, voltando alguns minutos depois. Disse a ela que eu havia gostado do que tinha feito na sua mão, não necessariamente pela mensagem que o conjunto de palavra e imagem sugere – seu gosto pelo gênero Rock and roll – mas pela relação entre os elementos; a sagacidade em dispor as letras de forma que as outras pessoas pudessem ler, o desenho do

coração alinhado à bijuteria em forma de cruz, virada em linha horizontal, assim como as letras, e estas letras em preto, que deram um ar mais austero à imagem como um todo. Ana sorriu e lançou o seguinte comentário:

Ana: *Caraca, a professora viajou!*

Os risos de quem estava próximo, e o meu também, foram inevitáveis. Ana me perguntou se eu gostava de ouvir rock, eu disse que não era o meu estilo musical favorito, mas que ouço de tudo um pouco. A jovem não pareceu se animar com a minha resposta, mas logo em seguida, me fez outra pergunta:

Ana: *A senhora tem tatuagem?*

Professora: *Tenho, sim.*

Mostrei algumas tatuagens que eu tenho, então Ana prosseguiu:

Ana: *Hum... e dói muito?*

Professora: Não muito, dependendo da região do corpo, um pouco mais ou um pouco menos...

Ana: É que, quando eu ficar mais velha, quero fazer uma tatuagem parecida com a que a Pitty tem nos dedos. Ela é demais!



Figura 6 / Acesso em: 29-09-2015

Esta é a imagem da cantora mencionada pela aluna com os dedos tatuados.

Ana talvez preferisse uma opinião menos técnica – ou menos tola – sobre a interferência gráfica que fez em sua mão e, por extensão, sobre o fato de desejar fazer uma tatuagem. Eu não a incentivei nem a desencorajei; disse que conhecia a cantora, e que iria pesquisar a imagem da qual falava para eu colocar no trabalho que eu estava fazendo, junto à foto que fiz da sua mão. Quando eu estava capturando a imagem, um dos seus colegas de turma percebe e grita do outro lado da sala: “Tia, ela é roqueira, a senhora gosta disso? Credo!” Meu interesse pela imagem na mão de Ana não passou totalmente despercebido pelos colegas. Iniciei, então, uma conversa sobre preferências musicais e o respeito diante das escolhas

dos outros. A aula seguiu o seu curso.

As imagens a seguir são o resultado de uma brincadeira que os jovens gostam muito de fazer: compram gomas de mascar que sejam embaladas em papéis que contenham figurinhas que podem ser “impressas” na pele de forma provisória.



Figura 7



Figura 8

Brincamos de marcar a pele desde muito cedo, seja com canetas ou com decalques. O que nos inclinaria para esta prática? A nossa relação com as mídias, as quais estamos expostos de forma cada vez mais latente? Ou a manifestação de “memórias” que o corpo carrega de sua ancestralidade? Acredito que um complexo conjunto de motivações atua em nossas escolhas e vontades ao expormos nossas próprias imagens, pois, nossa relação com o mundo imagético é tão antiga quanto intrigante.

Clara e Laura são alunas de outras turmas, e aparecem nas próximas imagens. Elas são mais extrovertidas e até se divertiram fazendo poses na frente da câmera do meu celular. Durante a conversa com elas, não consegui perceber nenhuma motivação estética externa ao seu ciclo de convivência que influenciasse de forma mais direta na composição dos seus estilos ou que estivesse relacionada a alguma pessoa evidenciada pelas mídias, neste caso, as referências estão no próprio núcleo familiar, chegando a ter um caráter mais prático. Clara disse que sempre que sua mãe aplica as tranças postiças, ela também as coloca, pois isso permite que ela tenha mais alguns minutos de sono pela manhã, não tendo que gastar este tempo com a arrumação do cabelo antes de ir para a escola.



Figura 9

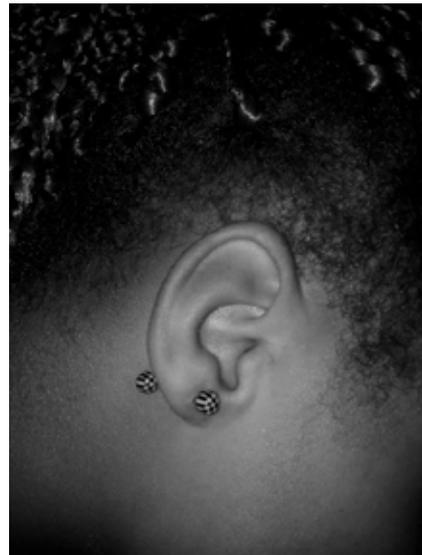


Figura 10

Professora: *E o bastão na orelha, foi você quem escolheu?*

Clara: *Sim. A minha mãe também tem um desse, mas este fui eu que escolhi. Eu também tenho um rosa, outro verde...*

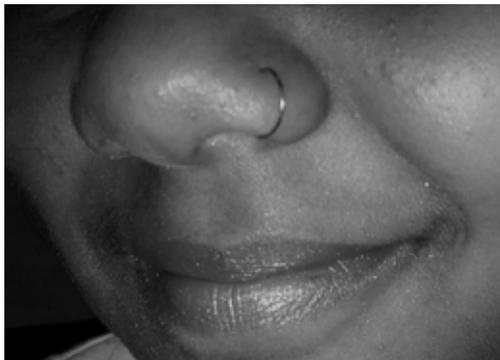


Figura 11

Já Laura, na imagem ao lado, me disse que o piercing no seu nariz partiu do seu próprio interesse, da sua própria vontade. Perguntei se ela tinha algum ídolo, se era fã de algum artista, ela disse que sim, mas que “isso não tinha nada a ver”

Laura: *Eu faço o meu estilo, não fico imitando ninguém. Tem um monte de gente que usa coisas parecidas, mas eu sempre achei legal ter um piercing.*

Com esta fala, a jovem parece ter clareza a respeito da unicidade da sua presença no mundo enquanto ser que recria os elementos materiais e visuais que agrega a sua própria existência. Laura sempre quis ter um piercing, e a sua vontade; assim como a de Ana; não é de todo deslegitimada, embora saibamos que as comunicações e propagandas que as mídias estabelecem são capazes de dar origem aos mais variados desejos de posse e de consumo.

Contudo, me contentei com as respostas de Laura, embora eu compreenda que somos influenciados a todo instante pelo o que visualmente apreendemos nos espaços físicos e virtuais que atravessamos e pelas mídias de modo geral. Greiner e Katz refletem sobre a relação entre o corpo e o ambiente:

As relações entre o corpo e o ambiente se dão por processos co-evolutivos que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais. Embora o corpo e o ambiente estejam envolvidos em fluxos permanentes de informação, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos de cada ser vivo em meio à transformação constante que caracteriza os sistemas vivos. Mas o que importa ressaltar é a implicação do corpo no ambiente, que cancela a possibilidade de entendimento do mundo como um objeto aguardando um observador (GREINER e KATZ, 2011, p.7).

A apresentação corpórea dos jovens discentes continuará existindo independente dos interesses voltados sobre ela. Esta ajuda a compor a história do corpo que é também a história da civilização; cada sociedade, cada constructo cultural, confere a ele usos, sentidos e significados específicos, embora não exclusivos. Em inúmeras sociedades humanas as marcas corporais são associadas a ritos de passagem em diferentes momentos da existência ou então são vinculadas a significados precisos dentro da comunidade.

Desta forma, são também elaborados parâmetros para o que cada grupo irá reconhecer como beleza, como sensualidade, como posturas mais ou menos adequadas em diversas ocasiões. Essas formas de agir e de ser reconhecido oferecem referências aos indivíduos para se construírem como homens e como mulheres. Neste ponto, Geertz traz para nós um pensamento de grande pertinência para o estudo quando nos fala que:

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (Geertz, 2011, p. 4).

Geertz acrescenta ainda que, embora isso possa parecer uma verdade óbvia, existem muitas formas de obscurecê-la, considerando que a cultura venha a ser uma realidade “superorgânica” com forças e propósitos em si mesma (Ibid., 2011); outra forma é alegar que ela possui um “padrão bruto de acontecimentos comportamentais”, segundo o autor isso significaria reduzi-la.

Segundo Jeudy (2002, p.17), “para melhor, ou para pior, o corpo pode ser tratado como objeto de arte sem a menor intenção artística”. Não proponho aqui impor uma máxima que afirme que seu corpo seja uma obra de arte, mas as maneiras triviais de nos prepararmos, de nos maquiarmos, de nos vestirmos, de nos olharmos no espelho, de arrumarmos os cabelos, são gestos impregnados por uma estetização cotidiana.



Figura 12

Certo dia, eu observava um aluno que exibia seu novo corte de cabelo em estilo “asa delta”, muito comum entre os meninos de várias idades – até entre os adultos – que é caracterizado pela retirada de uma grande quantidade de cabelo da parte inferior da cabeça, enquanto a parte superior permanece bem cheia e, na parte inferior, a imaginação corre solta!

Já vi muitas imagens nas cabeças dos meninos: desenhos de marcas de tênis e roupas, personagens de desenhos animados, linhas simples que delimitam os espaços, entre vários outros artificios.



Figura 13

E este pediu para que o barbeiro fizesse o desenho de uma pedra preciosa. A imagem a seguir é a foto da cabeça do referido aluno, Davi, que tinha nove anos na época e cursava o terceiro ano de escolaridade. Percebendo que eu o olhava, Davi me perguntou desconfiado: *que que foi, tia?* Eu disse que o cabelo dele havia me chamado a atenção, eu estava curiosa e perguntei:

Professora: *O que motivou você a fazer o desenho de um diamante na cabeça?*

Davi: *Por nada, só uma marca, um desenho maneiro! A senhora gostou, tia?*

Eu disse que sim e, de forma bem simples e resumida, expliquei que estava fazendo um trabalho sobre os desenhos que meus alunos fazem em seus corpos. Depois, perguntei se era algum símbolo que significava outra coisa, além do próprio diamante. Davi disse não saber com um levantar de ombros. Não insisti, pois ele parecia realmente desconhecer a origem da imagem que havia mandado desenhar em

sua cabeça.

Resolvi pesquisar sobre o diamante. Recorri ao Google e não encontrei nada além de sites onde aparecem pessoas usando roupas e acessórios com o mesmo logotipo. Fui ao Facebook, em um grupo virtual formado por professores de artes, e perguntei se alguém tinha alguma informação para me passar a respeito desta imagem. Descobri, então, através de um colega que leciona em uma unidade de detenção para menores no estado do Rio de Janeiro e que, coincidentemente, está fazendo uma pesquisa sobre esta imagem, que o desenho que Davi carregava é a marca da ostentação, da ganância, do ouro, da riqueza e da ilusão. Entre algumas facções criminosas é o símbolo de que o adolescente já tenha cometido algum assassinato ou latrocínio.

Até onde pude apurar, Davi não participa de nenhum desses grupos de fora da lei. Mas podemos nos ater a questão da ostentação, da riqueza e da ilusão. De que maneira ele pode estar sintonizado com os significados que esta marca possui? Existem muitos caminhos possíveis. A TV e a internet têm grande influência nestas escolhas.

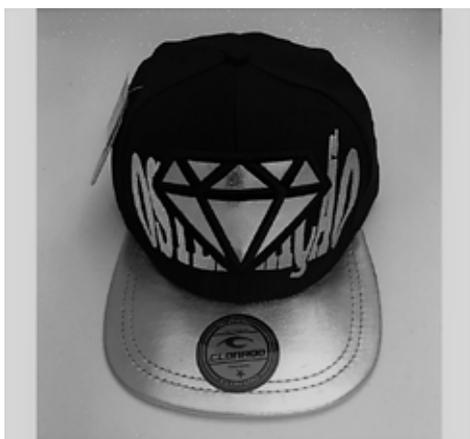


Figura 14 / Acesso em: 09-03-2015

Cantores de funk e de pagode, jogadores de futebol e alguns atores também a exibem em forma de tatuagens, ou mesmo em bonés ou camisetas, provavelmente, a fim de mostrar que estão a par da última moda, que possuem dinheiro para gastar e ostentar certo tipo de vida ou, simplesmente, por exigência de seus agenciadores, que cuidam de sua imagem pública.

Esta é uma imagem estereotipada de uma pedra de diamante, que não é encontrada com essa forma na natureza, é um formato obtido pela lapidação e essa é apenas uma entre várias outras possibilidades, porém é a que mais chama a atenção por toda narrativa que ela carrega.

A imagem alude ao que ela é realmente, uma ilusão, uma ideia de riqueza e poder, que fazem parte da busca de muitos de nós, mesmo que apenas no âmbito da fantasia, que as imagens e as histórias a seu redor, fazem circular. Apresento na página seguinte a imagem de um dos objetos comercializados com a marca.

Outra imagem bem conhecida passeia pelas cabeças dos meninos: a asa da Nike, marca que surge a partir do nome grego Nice – Níkē ou Niké – que era uma deusa que personificava a



Figura 15 / Acesso em: 26-06-2015

vitória, a força e a velocidade, representada por uma mulher alada. A marca de roupas Nike teve seu nome inspirado nesta deusa; assim, o símbolo da marca é semelhante a uma asa.

A imagem ao lado é a foto de Rogério, menino de nove anos de idade, que me disse que era fã da marca, por isso pediu para que o barbeiro a fizesse em sua cabeça.

Perguntei por que ele gostava tanto desse desenho, ele respondeu que era a marca de um tênis maneiro, que todo mundo usa e muita gente conhecida também. Rogério falou que estava esperando ganhar um Nike novo de presente de natal, mas ainda estava na dúvida do modelo. Daí ele me pergunta:

Rogério: *Tia, essa é uma marca famosa, vai dizer que a senhora não conhece?*

Respondi que sim, mas que eu estou realizando um trabalho de pesquisa. Então, ele fez uma expressão facial como quem naquele momento entendesse meu interesse por algo tão trivial na sua vida, um corte de cabelo e o desenho de uma logo muito comum. E me disse:

Rogério: *Ah, pode deixar, que na semana que vem, vou fazer outro. Esse já tá crescendo, aí senhora vai ver... vai ficar maneirão!*

O aluno não voltou com um novo desenho na semana seguinte, mas, com a promessa, mostrava que queria contribuir mais



Figura 16

com meu trabalho, ou apenas ser fotografado novamente. Jeudy nos fala que, *em certa medida, o choque das imagens corporais nos ensina que não há, na verdade, uma linguagem do corpo* (JEUDY, 2002, p.28). Não há certezas em seu desenvolvimento, por esta razão não vou impor nenhuma leitura terminal do que possa ser o corpoarte. Dificilmente daremos um sentido determinante às imagens do corpo, mesmo porque, não é buscado aqui formulação de um conceito no qual possamos encerrar as características de um determinado corpo.

A forma que Davi e Rogério escolheram para mostrar suas preferências é algo bastante original, embora fazer desenhos na cabeça a partir dos próprios fios, não seja uma técnica inventada por eles. As regras da escola não permitem que nenhum estudante entre ou transite pelo espaço usando chapéus, bonés ou qualquer outro elemento que não faça parte do uniforme, mas ninguém os questiona sobre a forma com que cortam ou arrumam seus cabelos. Reside aí uma arte de viver, pois, diante dos limites que os uniformes impõem, garotas e garotas recriam as formas de apresentar suas visualidades. Nesse estilo, muitos estudantes exibem suas criações capilares:

Considerações finais

Através da presente pesquisa apresentei uma discussão sobre algumas informações visuais que coletei junto aos meus alunos do Colégio Pedro II, afim de desenvolver uma análise acerca das formas imagéticas com que eles se apresentam diariamente; as quais podem se constituir a partir de múltiplas referências e motivações. Ou seja, as imagens do corpo são fluidas e indetermináveis, porque, antes de tudo, elas são vivas, e ser vivo é estar em incessante reformulação.

Tendo em vista o caráter autoral e inventivo das imagens corporais dos jovens, aqui apresentadas, estas podem ser encaradas como um tipo específico de criação visual, entendidas também como formas artísticas de viver o cotidiano escolar. É possível identificar também as aproximações estéticas entre indivíduos de faixas etárias distintas. Com uma participação muito grande da mídia e do mercado, a infância e a adolescência podem ser visualmente aproximadas e até diluídas.

Sendo o corpo a própria existência e o primeiro contato do indivíduo com o meio e com as pessoas que o cercam, é nele que se inscrevem as regras, as normas e os valores de uma sociedade. Falar do corpo dos jovens na escola significa falar de complexas tramas de relações sociais e culturais que determinam as formas de praticar a ação pedagógica, e as ações da pedagogia escolar sobre o corpo dos discentes atuam na produção de noções sobre sua condição de aluno.

No que tange às identidades no ambiente escolar, sabemos que elas também são múltiplas e fluidas, podem apresentar muitas facetas de um mesmo indivíduo. Aspecto fundamental na relação entre professor e aluno, elementos identitários são a base e o caminho através dos quais obtemos êxito ou fracasso na rotina diária.

As análises que as imagens produzidas pelas juventudes podem suscitar abrangem muitos campos e geram algumas possibilidades de caminhos a serem empreendidos. O que foi apresentado aqui foi apenas uma dessas possibilidades. Embora o neologismo *corpoarte* possa nos levar para questões voltadas para uma área de conhecimento específico, procurei ressaltar elementos que permeiam a educação como um todo. Pois, existem muitas artes no viver, e não se pode separar uma da outra, principalmente, ao tratarmos de processos educacionais. Ambas podem ter como base escolhas e estratégias que carregam beleza e sagacidade.

Trabalhar a partir dos alunos, do que eles levam para a sala de aula faz parte de um processo de pesquisa diária que pode gerar muitas surpresas. Um dos exercícios desta pesquisa foi estar atento às imagens que carregam com os seus corpos. A partir daí é possível eleger um bom tema para discussões, uma boa atividade para a aula ou até uma boa confusão – pois não é raro alguns assuntos gerarem conflitos entre eles, temos que estar atentos!

Atentar para as imagens que os jovens figuram corporalmente se configura como uma forma de estudo e pesquisa bastante proveitosa para a área do ensino da arte especificamente, pois seus elementos podem ser aproveitados, discutidos e analisados de forma que os conteúdos da disciplina sejam abordados sem que os sujeitos principais da relação ensino-aprendizagem sejam deixados à margem do diálogo. Trazidas como um dos elementos marcantes da cultura juvenil, as imagens corporais apresentam variadas formas de estar e de compreender o mundo. É a partir delas que este grande grupo influencia e é influenciado.

Certamente, este trabalho não esgota as discussões sobre as possibilidades comunicativas que as imagens corporais estabelecem, contudo, as visualidades juvenis são compostas e atravessadas por todas as questões aqui apresentadas: arte – no que tange aspectos de inventividade e autoria – identidade, ampla rede de significados, mídias, cidade, escola, tecnologias, estética, sociedade; cada um desses elementos formam um complexo que nos coloca diante de questões que não se referem ao outro apenas, estaremos sempre inseridos nelas, seja qual for a postura que adotemos sobre o assunto.

Referências

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. In: **Revista brasileira de educação**. N.23, Maio/Jun/Jul/Ago. 2003.

BERINO, Aristóteles de Paula; FILHO, Aldo Victório; SOARES, Conceição Silva (orgs.). **A Fatura das Juventudes: Tramas entre Educação, Mídia e Arte**. Rio de Janeiro: NAU, 2012.

_____. (org.). **Ensino e Pedagogia da Imagem**. Seropédica: EDUR, 2013.

_____. Brincando nos campos dos estudos culturais: educação, arte & imagens nas cidades. In: **Anais do VI ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2010.

_____. Currículos Praticados e Pedagogia da Imagem. In: MACEDO, Elizabeth; MACEDO, Roberto Sidnei; AMORIM, Antonio Carlos (orgs.). **Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo**. Campinas: FE/UNICAMP, 2009.

_____. Juventudes, estetização da escola e artealização do cotidiano: olhar e imagens na pesquisa em educação. No Prelo.

- BRETON, David Le. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papius, 2013.
- _____. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- CANEVACCI, Massimo. **Antropologia da comunicação visual**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- _____. **Culturas Extremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DEWEY, John. **Vida e educação**. 9ª. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- _____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 28ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada: uma abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- JEUDY, Henri-Pierre. **O corpo como obra de arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- KATZ, Helena & GREINER, Christine. A Natureza Cultural do Corpo. In: **Lições de Dança 3**. SOTER, Sílvia & PEREIRA, Roberto (org.): pág. 77-98. UniverCidade Ed., Rio de Janeiro, 2002.
- MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é, e com se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. **Educação e Sociedade** - V.28 n.98. Campinas: 2007.
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Currículos Praticados: regulação e emancipação do Cotidiano Escolar**: GT: Currículo /n.12. Rio de Janeiro, 2004.

Recebido em 26 de janeiro de 2018.

Aceito em 19 de julho de 2018.